

RESENHA:

A visualização das mulheres na imigração espanhola

Maria Laura Osta Vazquez

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

lauraosta@hotmail.com

LIÑARES GIRAUT, X. Amancio (Coord.). **El protagonismo de la mujer en las corrientes migratorias españolas**. Vigo (Pontevedra), Espanha: Anuarios España Selecta S.L. Grupo España, 2009. 334 p.

Esta obra surgiu a partir de um incentivo do Grupo España Exterior para incluir às “mujeres españolas que movieron la rueda de la Historia de la Emigración”. Foi uma chamada de artigos científicos com o objetivo de visualizar as mulheres na emigração espanhola. O Grupo Espanha tem uma ampla trajetória informativa e na edição de livros especializados na temática da emigração desde o ano 1997. Trabalham com três linhas de investigação: uma publicação semanal das Comunidades Espanholas no mundo; o programa Espanha Exterior na Rádio, transmitida na Argentina e Uruguai; e o jornal Latino-Americano Exterior para os retornados e emigrantes na Espanha. Foi, portanto a partir deste trabalho que surgiu este livro.

O coordenador da obra Amâncio Liñares Giraut é Licenciado em Geografia e História pela Universidade de Santiago de Compostela, é catedrático de Geografia e História no IES e professor de Língua e Cultura da Galícia na Escuela Universitária de Trabajo Social da Universidade de Santiago de Compostela. Têm publicado mais de vinte e cinco livros sobre temas históricos (referidos à emigração), agrários, biográficos e literários.

A emigração é um tema muito atual, sobretudo, na própria Espanha, que nas últimas décadas têm visto inundadas suas ruas por emigrantes latino-americanos e sul-africanos. A obra faz lembrar o passado não tão longe, no qual os espanhóis se viram na situação desesperada de ter que emigrar. Hoje, a História virou e apresenta um novo desafio: ser receptores de grandes contingentes de pessoas em busca de trabalho para melhorar sua situação econômica. O governo tem atuado em forma ambígua a este respeito, às vezes favorecendo a chegada e às vezes, rejeitando emigrantes.

A obra é composta por um guia de leitura escrito pelo coordenador, onze artigos relativos a experiências

de mulheres espanholas no mundo a partir de diferentes perspectivas, dois capítulos de testemunhos de mulheres emigrantes e uma resenha da exposição “As mulheres também emigram”, montada na Galícia a partir do dia 8 de março de 2008.

A pluralidade de mulheres não está representada na linguagem, o título da obra fala sobre “a mulher” espanhola e na maioria dos artigos é utilizado a mesma categoria globalizante para se referir às espanholas. Apenas cinco artigos falam das “mulheres” no plural, mas nas entrevistas, no guia de leitura e na maioria dos artigos a “mulher” é concebida como símbolo do feminino, de um único ser que representa todas as espanholas que emigraram.

No começo do livro, os autores publicam o segmento da lei 40/2006 do Estatuto da Cidadania Espanhola no Exterior, que expressa a necessidade de se compensar o desequilíbrio que essas mulheres emigrantes sofreram durante seu exílio, permitindo a incorporação e o desfrute dos direitos a favor da igualdade. “A la discriminación de género, se unía la vulnerabilidad de la mujer emigrada que estaba fuera del país”. Este segmento de lei apresenta as mulheres em suas debilidades e falências, como o sexo “débil”, totalmente carente de poder. Essa concepção das mulheres é uma constante em toda a legislação espanhola relativa à emigração, como o autor Francisco Duran Villa destaca no segundo artigo: “El estereotipo del victimismo justifica la conmiseración del legislador español en su empeño por regular y tutelar la emigración femenina y le sirve de argumento para implementar medidas restrictivas en las condiciones de salida, aduciendo la necesidad de protegerlas contra todas las formas de explotación...” . Deduzimos que o livro pretende auxiliar a compensar as mulheres emigrantes que durante tanto tempo a historiografia deixou esquecidas nos registros dos

passageiros que saíram da Espanha.

Os objetivos principais são visualizar o papel das mulheres na emigração depois da Revolução Industrial, diretamente (como protagonistas da emigração) ou indiretamente (tendo permanecido em seus lares, enquanto suas famílias se deslocaram; as chamadas “viúvas de vivos”). Procura também homenagear às emigrantes através dos testemunhos de vida. Nas palavras de seu coordenador, vemos também uma intenção de resgate na obra: “el libro busca corregir tantas ausencias y ostracismos de las mujeres españolas”

As fontes utilizadas variam desde cartas pessoais, registros de passageiros, fotografias, relatos orais, legislação sobre emigração – tanto na Espanha como nos países estrangeiros –, imprensa, estatísticas de emigração e imigração, estatutos de associações de homens e mulheres espanholas, peças teatrais, charges e quadrinhos, bibliografia, entre outras.

Através de vários especialistas se apresentam visões plurais do que foi a emigração espanhola no mundo, mas é possível delinear alguns traços ou perspectivas em comum. Quase todos falam da importância numérica que tiveram as mulheres na emigração e do papel relevante na continuidade das heranças familiares quando os maridos ou irmãos emigravam, pois eram elas que ficavam cuidando das terras e das propriedades, como administradoras e negociantes. Todos coincidem nos tipos de trabalhos que as mulheres desenvolveram na chegada a seus destinos, os trabalhos menos qualificados, vinculados ao âmbito doméstico. A discriminação que sofreram tanto na Europa como nos distintos países de América e os estereótipos que se criaram em torno das espanholas são também pontos convergentes. Quase todos os autores afirmam que a discriminação contra elas foi dupla: enquanto mulheres e enquanto imigrantes.

Outro ponto são as causas da emigração. Em geral, falam dos problemas econômicos em primeiro lugar, da falta de alimentos básicos na Espanha rural a partir de meados do século XIX. Primeiro foram os homens, que logo chamaram suas mulheres e filhos. Problemas políticos são tratados como segundo fator: uma grande onda de espanhóis, que fugiram desesperados por sobreviver e manter suas famílias com vida, sobretudo na época de Franco. Os motivos sociais também são considerados: em sociedades muito conservadoras, principalmente para as mulheres, emigrar se apresentou como uma possibilidade de fugir dessas exigências sociais. Vários autores outorgam um lugar passivo às mulheres na emigração, destinadas a acompanhar aos maridos “como dependentes protegidas ou subordinadas”, chamadas por parentes,

mas, poucas vezes, aparecem como iniciadoras de um projeto pessoal. Os projetos migratórios “independentes” deste período se relacionam diretamente também com sua vinculação com os homens: emigraram viúvas, separadas, mães solteiras, filhas mulheres de famílias numerosas que não tinham recursos para sua formação, mas sim para a de seus irmãos homens. Segundo o geógrafo Raúl Soutelo Vázquez, elas foram praticamente “expulsadas de su familia de origen” pela pressão social. De acordo com a maioria dos autores, nas condições sociais em que elas viviam, na Espanha rural e pobre, era muito difícil que a emigração se apresentasse como real projeto pessoal e independente. Aliás, os autores, José Babiano e Ana Fernández Asperilla, sintetizam o envolvimento das mulheres nas migrações em três formas (distintas às masculinas): como sujeitos nos processos de reagrupamento familiar; como pioneiras (sobretudo depois dos anos 1970); ou como chefes de família, que na sociedade de origem se encarregavam do grupo doméstico e administravam o capital familiar com a emigração de seus esposos para o estrangeiro. Sempre lhes outorgam um papel ativo. O mesmo Raúl Soutelo Vázquez demonstra - através da correspondência epistolar - que as mulheres não foram estóicas e sofridas “viúvas de vivos” que aguardavam em suas casas o retorno de seus esposos e filhos, pelo contrário, que a situação familiar e a oferta de trabalho nos potenciais destinos fez com que o êxodo tivesse uma forte presença feminina.

A partir das diferentes falas dos autores, encontramos várias etapas na emigração das espanholas pelo mundo: a primeira, impulsionada por motivos econômicos e sociais, seria entre 1870 e 1930, tendo como principal destino os países da América: Cuba, Argentina, Uruguai e Brasil. Esta fase da imigração foi caracterizada pela maioria de homens (as mulheres chegavam a 30%) e por deixar na Espanha o fenômeno das “viúvas de vivos”, mencionado anteriormente. A segunda etapa, vai de 1940 a 1960, favorecida pela liberação migratória do franquismo, quando as mulheres estão mais presentes (entre 45% e 55%) e os motivos em sua maioria são políticos. E seria considerado como terceira etapa o período de 1970 a 1990, que contou com uma grande maioria de mulheres e teve como destino principal a Europa, sobretudo, a Alemanha, Suíça e França. Também se pode falar de tipos de imigração feminina: a imigração de mulheres casadas ou de filhas (seguindo o destino familiar); a imigração de mulheres intelectuais (principalmente após a década de 1920, impulsionadas pelo governo espanhol); e a imigração política ou exílio (como a historiadora Pilar Dominguez chama), a partir da década de 1940, quando o nível educativo das

exiladas supera as demais imigrantes.

Vários autores afirmam que o trabalho doméstico é o mais frequente entre as imigrantes (47% dos trabalhos realizados pelas espanholas no exterior). As mulheres trabalham em âmbitos vinculados ao doméstico, limpando casas, hotéis, costurando ou lavando roupas para outras pessoas, ou fazendo as tarefas de seu lar, enquanto os maridos trabalham fora. A causa dessa situação de inferioridade no mundo laboral estrangeiro, segundo Babiano e Fernández, é a falta de uma formação sólida para enfrentarem o mercado de trabalho, pois começaram a trabalhar ainda crianças em suas casas, enquanto a educação formal era uma possibilidade para os homens. Os mesmos autores vinculam as etapas laborais ao ciclo reprodutivo das mulheres: “El trabajo de sirvienta era un recurso de las emigradas solteras, que comenzaban como internas y se convertían en asistentas externas al contraer matrimonio”. Vemos nestas afirmações como o gênero atravessa o mundo laboral, o fato de casar faz mudar o tipo de trabalho, algo que dificilmente se percebe nos homens. A maternidade também significa mudanças só para as mães. Enfrentam vários obstáculos para conciliar o mundo do trabalho e a vida familiar, como as dificuldades para as estrangeiras de acesso às creches, a falta de benefícios sociais e pela maternidade, ou ainda as demissões por causa da gravidez. Os depoimentos de algumas emigrantes espanholas mostram que as que melhor se desenvolveram profissionalmente em geral não casaram ou casaram tardiamente. Isso reflete a incapacidade de compatibilizar o papel esperado de uma mulher espanhola casada com os sonhos pessoais, renunciando a eles cada vez que o projeto familiar se impõe.

A maioria dos autores escreve sobre os destinos migratórios mais frequentes da América Latina, destacando em primeiro lugar Cuba e Argentina, depois Uruguai, Brasil, Venezuela e México. Mas o destino favorito das mulheres varia, para alguns autores, entre Argentina e Cuba.

Vários destacam a importância das redes de solidariedade desenvolvidas entre os espanhóis de geração em geração, nas quais as mulheres têm um papel preponderante. Através de associações, procuraram dar apoio e resguardo aos imigrantes recém-chegados, facilitando trâmites de residência legal, procura de trabalhos e até hospedagem em alguns casos, mas, sobretudo, buscavam proporcionar aconchego e fraternidade nas estranhas terras. Um dos papéis mais importantes que desenvolveram estas redes solidárias foi o da preocupação pela formação educacional das imigrantes que chegavam, oferecendo novas ferramentas para a busca de trabalho (criaram

escolas noturnas para crianças e mulheres adultas). Também lutaram pelos direitos das mulheres, até contra seus próprios conterrâneos, que, muitas vezes, as impediam de usufruir dos benefícios de atenção à saúde só pelo fato de serem mulheres. Algumas destas associações foram: “Hijas de Galicia”, os Centros Gallegos, Associações de Beneficência e Proteção Mútua, “Hijas de Canarias” e os Comitês de Damas da Casa de Galicia. Em contrapartida, estas redes potencializaram a endogamia, a maioria das imigrantes casou com espanhóis, dificultando ainda mais a ascensão social, pois isso impedia o relacionamento com pessoas do país de destino e, conseqüentemente, a ascensão a trabalhos melhor remunerados.

Além de vários testemunhos narrarem sobre o afrouxamento dos costumes - tão conservadores na Espanha para as mulheres - na chegada aos novos países, percebe-se a reiteração dos padrões de poder masculino dominantes no país de origem, refletidos nos tipos de trabalhos exercidos pelas mulheres e em sua renúncia em nome do projeto familiar. Isso é reforçado por instituições espanholas como a JARE (Junta de Ajuda aos Republicanos Espanhóis) que confinava às mulheres dentro dos lares, concedendo empréstimos para comprar máquinas de costura, e negando ajuda as profissionais que pediam para comprar uma máquina de escrever. Os países de chegada também colaboraram nessa reprodução de padrões, limitando a oferta laboral dessas mulheres e, em muitos casos, impedindo a entrada de mulheres solteiras no país. Mas mesmos assim, as mulheres emigraram, com o apoio de toda uma rede de imigração ilegal comandada e organizada por terceiros. Em vários artigos percebemos a intenção de se trabalhar com as categorias de gênero mas, a não ser por dois ou três deles, não ultrapassam uma primeira etapa de visualização da presença das mulheres na emigração e não se aprofundam nas relações de poder. A perspectiva de gênero oferece muito mais que a visualização das mulheres, a utilização da categoria de gênero nas ciências sociais possibilita a compreensão das masculinidades e feminilidades numa perspectiva das relações de poder. “O gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. No caso da imigração das espanholas, poderíamos perguntar por que as etapas laborais das mulheres estiveram relacionadas ao casamento ou ao nascimento dos filhos e por que no caso dos homens isso não os afetou diretamente. Ou ainda, por que a imigração das mulheres muitas vezes foi em função dos planos dos homens, acompanhando ou esperando serem chamadas por algum tio, irmão ou marido. Quais eram as expectativas dessas mulheres que deixaram suas terras? Partiram em busca de quê? Dinheiro? Estudos?

Marido? Sempre foram submissas aos planos dos homens? Que características tinham estes homens? Procurando visualizar as mulheres, os traços das masculinidades ficam escondidos, obscurecidos. Somente no artigo de Francisco Duran Villa se percebem estas masculinidades.

Teresa González Pérez atribui às mulheres espanholas o papel de ser base da população nos países Americanos:

“Ayudaron en la construcción de América, formaron hogares siguiendo el modelo de familia isleña, base del poblamiento,... son las auténticas fundadoras de los nuevos núcleos poblacionales; sin ellas los hombres no hubiesen podido emprender una empresa de tal magnitud”.

Aliás, ela outorga um lugar de privilégio às emigrantes, esse papel remete ao lugar de confinamento estabelecido pelos homens daquela sociedade, vinculado à maternidade, ao privado, ao lar. Sem problematizar as relações de gêneros, reforça estereótipos ligados aos padrões onde o mundo masculino é o mundo do poder que limita as mulheres ao privado: os homens no mundo econômico, as mulheres no mundo dos costumes, dos valores, da maternidade. Mais adiante reforça a ideia:

“Las mujeres fueron responsables de mantener la unidad familiar, fueron eje alrededor del cual siempre ha girado todo el proceso de integración doméstica y la planeación y desarrollo de las labores de subsistencia sociocultural de los grupos emigrantes”.

Naturalizando assim, mais uma vez, o lugar das mulheres como eixo dos lares, como centro das famílias e transmissoras de valores.

Raúl Soutelo Vázquez concluiu o artigo afirmando que o “compromiso moral con la familia que dejaban atrás, fue mayor y más duradero que el de los varones”. Novamente se atribui um papel às mulheres vinculado ao lar e agora também à moral. Mas, baseado em que o autor chega a estas afirmações? Às correspondências mantidas com os membros das famílias? Sendo assim, o contato mais fluído com os membros da família, atribuiria uma cota de moralidade que simboliza a união familiar? Às vezes é difícil escapar de certos estereótipos impregnados no nosso subconsciente.

Vários são os papéis outorgados às mulheres na emigração por estes autores: eixo na união familiar, continuadoras do patrimônio da família, transmissoras da memória, da cultura de origem e das relações em redes de várias gerações. Papéis totalmente ativos e que remetem à visualização das mulheres imigrantes até agora esquecidas, mas sempre vinculados ao privado, ao familiar e ao lar.

¹ Segmento Lei 40/2006 em LIÑARES GIRAUT, 2009. P.7.

² LIÑARES GIRAUT, 2009, p. 43.

³ Ibidem, p. 14.

⁴ Segundo os autores Francisco Duran Villa e Maria Xosé Rodríguez Galdo, a emigração de mulheres no período de 1892 e 1929 é 30% do total. Segundo José C. Moya, as mulheres representavam 26 % da emigração transatlântica em 1900, 40% em finais de 1920 e 55 % em finais da década de 1960.

⁵ Mulheres brutas, trabalhadoras e de fácil acesso sexual, mas o autor José C. Moyá demonstrou que das vinte e quatro ex-mucamas espanholas na Argentina que ele entrevistou, só uma reconheceu ter experimentado abuso sexual por parte de seu patrão, o que pode nos fazer pensar que talvez esse seja só um estereótipo mesmo e não uma realidade. “Pode resultar más revelador de temores sociales, fantasías masculinas y fétiches que de la vida concreta de la mayoría de las mucamas” (p. 121)

⁶ Os costumes estão diretamente vinculados à pressão social exercida nos povos rurais: as mulheres não podem sair à noite, sempre devem estar acompanhadas por outras mulheres, devem preservar a moral da família, assistir frequentemente à missa, casar jovens, entre várias outras normas. Os destinos, em geral, são as grandes cidades, onde ninguém se preocupa com suas vidas particulares e onde sentem total liberdade de ação.

⁷ Cf. LIÑARES GIRAUT, 2009, p. 43.

⁸ Cf. LIÑARES GIRAUT, 2009, p. 86.

⁹ As autoras Pilar Cagiao Vila e Nancy Pérez Rey estabelecem que Nova Iorque ocupa o segundo lugar na eleição do destino da emigração feminina.

¹⁰ Cf. LIÑARES GIRAUT, 2009, pags. 68-77.

¹¹ Os costumes estão diretamente vinculados à pressão social exercida nos povos rurais: as mulheres não podem sair à noite, sempre devem estar acompanhadas por outras mulheres, devem preservar a moral da família, assistir frequentemente à missa, casar jovens, entre varias outras. Os destinos em geral são grandes cidades, onde ninguém se preocupa por suas vidas particulares, e onde sentirão total liberdade de ação.

¹² Cf. LIÑARES GIRAUT, 2009, p. 203.

¹³ No primeiro artigo, Maria Xosé Rodríguez Galdo se propõe a trabalhar com as categorias de gênero, afirmando que um estudo de gênero precisa não apenas incluir as mulheres onde antes não se encontravam, mas, acima de tudo, interpretar as razões de tal exclusão.

A visualização das mulheres na imigração espanhola

¹⁴ SCOTT, Joan. Uma categoria útil de análise histórica. *Gênero e educação*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, Jul./Dez. 1995, p. 86.

¹⁵ LIÑARES GIRAUT, 2009. P. 166.

¹⁶ *Ibidem*, p. 185.

¹⁷ *Ibidem*, p. 225.

**Recebido em 1 de setembro de 2010.
Aceito em 2 de novembro de 2010.**

Maria Laura Osta Vazquez